

A ÓPERA PERDIDA DOS "SERTÕES"

Enio SQUEFF

A estada de Georges Bernanos no Brasil mereceu muitos comentários aqui e na França: o escritor, como é natural, marcou presença nos círculos católicos e literários do Brasil. A descrição do homem pesado, coxo, irascível - mas doce com seus "extraordinários olhos", como o apresentaria Tristão de Athayde - parece ter correspondido a verdade da sua alma pelo menos no que diz respeito à sua autenticidade: Bernanos foi verdadeiro até mesmo nos seus defeitos. E nada mais teria a acrescentar se uma referência sobre Bernanos não me tivesse posto a par de suas relações com um músico, Fernand Jouteux, autor da ópera "O Sertão", baseada em Os Sertões, de Euclides da Cunha.

Quem me informou sobre o fato foi um admirador do escritor atualmente em São Paulo e certamente a questão não mereceria maiores comentários se este Fernand Jouteux não estivesse atualmente inumado num esquecimento que talvez não mereça. A hipótese de que este compositor tenha sido pouco mais que uma simples curiosidade histórica foi já registrada numa reportagem da jornalista Laura Greenhalgh, publicada há algum tempo do "Jornal da Tarde".

Segundo a jornalista, existiriam apenas algumas vagas referências a um francês cuja biografia sumária foi traçada em seu trabalho, a partir de alguns depoimentos dos que conheceram o músico, que dizia de si mesmo ter sido o melhor aluno de Jules Massenet e que morreu em Minas Gerais alguns meses depois de sua ópera ter sido estreada em Belo Horizonte em 1952. Os brasileiros que convieram com o francês, ao que parece, sabiam pouco de sua música. Em seu testemunho à jornalista referem-se a um francês irritadiço que se dedicou ao garimpo e que morreu na miséria. Mas Georges Bernanos não apenas tomou contato com seu patrício em Minas Gerais, onde viveu. Procurou ajudá-lo de várias

maneiras. Em dois livros - um sobre Bernanos, com depoimentos de seus amigos brasileiros, e outro, do próprio, onde há um escrito de 1943 - existem referência e algumas informações a mais sobre o compositor.

No primeiro, uma coletânea de depoimentos e opiniões sobre Georges Bernanos, há duas cartas deste em que apresenta Jouteux a Henrique José Hargreaves. O escritor não regateia elogios ao patricio músico: ele seria um compositor de primeira qualidade, um gênio, a quem Massenet teria dedicado especial atenção, preferindo-o a Debussy. No mesmo livro, porém, há duas cartas assinadas pelo próprio Jouteux ao mesmo Hargreaves. E nelas se o compositor não acrescenta grandes novidades à curiosidade sobre sua obra (já disse: fico a imaginar os jagunços do Conselheiro cantando no palco à maneira wagneriana, como era a maneira de Massenet), repisa o que era mais ou menos esperado: que quase ninguém o queria auxiliar no Brasil.

De fato, os amigos de Bernanos, ao que parece, não encaminharam Jouteux aos locais mais indicados para tentar a encenação da ópera. O compositor diz em sua correspondência que o maestro do conjunto musical do Cassino da Urca não o tratou como ele esperava. Pior, no cassino havia apenas uma "terrível fanfarrá" (sic) que não era nem orquestra, nem jazz band, já que não possuía "nem clarinetes, nem fagotes, nem violas, nem violoncelos..." Ao que consta, Jouteux fez um balê com excertos da ópera. E esperava que o Cassino da Urca executasse. No mais, o maestro do conjunto teria julgado antes a partitura, o que Jouteux considerava um acinte etc. etc.; mas conta a seguir que um regente ("un grand chef d'orchestre") cujo nome é ilegível, apresentará excertos da obra em setembro daquele ano (1943). Isso quanto à primeira carta. Na outra, o mesmo Jouteux informa radiante ter conseguido o que queria: refere-se à encenação de "O Sertão", não no Municipal do Rio, mas no de Belo Horizonte em 1952, e do sucesso que a obra fez.

De um depoimento de Bernanos extraído de um artigo seu publicado em "O Jornal", do Rio, em 1943, se conclui que "O Sertão" foi, de fato, regido em forma de concerto pelo próprio Jouteux, então com quase oitenta anos, e não no Municipal do Rio, mas em dezembro daquele ano na sala Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música. Logo, teriam falhado os esforços do velho no sentido de encenar a ópera no Rio.

O fato interessante, porém, e mais importante, são as observações do próprio Bernanos no citado artigo. Ele diz que Jouteux teria incorporado à sua versão do drama de Canudos os cantos que ouviu em sua viagem a Pernambuco e ao norte do Brasil, acrescentando que a vida atribulada de Jouteux no Brasil não o impedira de ir compondo.

E cessam aqui as referências ao compositor. Ninguém sabe se a versão do drama de Canudos segundo a visão de um francês foi digna do livro, ou sequer à altura do "melhor aluno" de Massenet, como ele se supunha. Não sei, por outro lado, se Bernanos, além de autoridade moral e literária tinha conhecimentos suficientes de música para insistir em tantos elogios a Jouteux.

Logo, o que fica é a curiosidade. Pois com ou sem referências de homens importantes, com ou sem sucesso da ópera (Jouteux insiste em que foi muito ovacionado, fala até em repercussões na imprensa de Belo Horizonte), ao que se sabe a ópera se perdeu. Restariam, então os excertos que foram levados no Rio de Janeiro em 1943? Também não se sabe. Mas num país onde nem a obra de seu maior compositor, como é o caso de Villa-Lobos, é ainda totalmente conhecida - que dizer dos que nunca tiveram sucesso e morreram na miséria, como é o caso de Jouteux? Fica em todo o caso a questão.

("Folha de São Paulo", 16-9-1979)